

MARION ZIMMER BRADLEY

A SENHORA DE AVALON

Tradução

Marina Della Valle

 Planeta

minotauro

Trecho anticipado para divulgação. Venda proibida.



A rainha das fadas fala:

No mundo da humanidade, as marés de poder estão virando... Para mim, as estações dos homens passam em instantes, mas, de tempos em tempos, uma centelha atrai minha atenção.

Os mortais dizem que nada jamais muda no país das fadas. Mas não é assim. Há lugares em que os mundos ficam juntos como dobras em uma coberta. Uma dessas pontes está no lugar que os homens chamam de Avalon. Quando as mães da humanidade chegaram a esta terra, meu povo, que jamais teve corpos, fez para nós formas à sua imagem e semelhança. O novo povo construiu suas casas em palafitas na margem do lago e caçava nos brejos, e caminhamos e brincamos juntos, pois era a manhã do mundo.

O tempo passou, e mestres da sabedoria ancestral cruzaram o mar, fugindo da destruição de Atlântida, sua própria Ilha Sagrada. Moveram grandes pedras para marcar as linhas de poder que enlaçavam a terra. Foram eles que reforçaram a fonte sagrada com pedras e esculpiram o caminho espiral em torno do Tor, eles que encontraram nos contornos do campo os emblemas de sua filosofia.

Eram grandes mestres da magia, que cantavam feitiços pelos quais um homem mortal poderia alcançar outros mundos. Entretanto, eram mortais, e com o tempo sua raça diminuiu, enquanto nós permanecemos.

Depois vieram outros, crianças de cabelos brilhantes e risonhas, com espadas polidas. Mas não podíamos suportar o toque do ferro frio, e daquele tempo em diante o país das fadas começou a se separar do mundo humano. No entanto, os velhos magos ensinaram sabedoria aos humanos, e seu povo sábio, os druidas, foi atraído para o poder na Ilha Sagrada. Quando as legiões de Roma marcharam pela terra, amarrando-a com estradas pavimentadas com pedras e assassinando os que resistiam, a ilha se tornou um refúgio para o druidismo.

Isso foi há um momento, pelas minhas contas. Acolhi em minha cama um guerreiro de cabelos dourados que vagou sem rumo até o país das fadas. Ele se lamentou e o enviei de volta, mas ele me deixou uma

criança como presente. Nossa filha é loira e dourada como ele era, e curiosa sobre seu legado humano.

E agora as marés estão mudando, e no mundo mortal uma sacerdotisa quer atravessar até o Tor. Eu senti o poder nela ontem mesmo, quando a encontrei em outra margem. Como ela ficou subitamente tão velha? E desta vez traz consigo um menino cujo espírito já conheci antes.

Muitos fluxos do destino agora fluem para seu encontro. Essa mulher, minha filha e o menino estão ligados em um padrão ancestral. Para o bem ou para o mal? Sinto que virá um tempo em que caberá a mim prendê-los, de corpo e alma, a esse lugar que chamam de Avalon.

minotauro

parte 1

A Sábia minotauro

97-118 d.C.

minotauro

O pôr do sol se aproximava e as águas quietas do vale de Avalon estavam revestidas de ouro. Aqui e ali tufos verdes e marrons levantavam a cabeça sobre as águas calmas, anuviados pela cerração brilhante com a qual o fim do outono velava os pântanos, mesmo quando o céu estava limpo. No centro do vale, uma colina pontuda se erguia acima das outras, coroada por pedras eretas.

Caillean observou, através da água, a veste azul que a identificava como sacerdotisa veterana, pendendo em dobras imóveis ao seu redor, e sentiu a quietude dissolvendo a fadiga dos cinco dias na estrada. Certamente a jornada das cinzas da pira em Vernemeton até o coração do País do Verão levava uma vida.

Minha vida..., pensou Caillean. *Não deixarei a Casa das Sacerdotisas novamente.* Seis meses antes, trouxera seu pequeno grupo de mulheres da Casa da Floresta para fundar uma comunidade de sacerdotisas na ilha. Havia seis semanas voltara, sozinha, tarde demais para salvar a Casa da Floresta da destruição. Mas, ao menos, conseguira salvar o garoto.

— Aquela é a Ilha de Avalon?

A voz de Gawen a trouxe de volta ao presente. Ele piscou, como se ofuscado pela luz, e ela sorriu.

— É — disse —, e em algum momento vou chamar a barca que nos levará até lá.

— Ainda não, por favor. — Ele se virou para ela.

O menino tinha crescido. Era alto para um rapaz de dez, mas parecia desconjugado, como se o resto do corpo ainda não tivesse alcançado suas mãos e pés. A luz do sol iluminava os fios de seu cabelo castanho clareado pelo verão.

— Você me prometeu que responderia algumas de minhas perguntas antes que eu chegasse ao Tor. O que direi quando me perguntarem o que faço aqui? Não tenho certeza nem de meu próprio nome!

Naquele momento, os grandes olhos acinzentados do menino pareciam tanto os da mãe dele que o coração de Caillean se revirou. Era verdade, pensou. Prometiera falar com ele, mas durante a jornada mal falara com ninguém, exausta como estava pelo esforço e pela tristeza.

— Você é Gawen — disse gentilmente. — Foi com esse nome que sua mãe conheceu seu pai, e então ela o batizou assim.

— Mas meu pai era romano! — A voz dele vacilou, como se ele não soubesse se deveria sentir orgulho ou vergonha.

— Isso é verdade, e, já que ele não teve nenhum outro filho, imagino que, de acordo com o costume dos romanos de registrar tais coisas, você seria chamado Gaius Macellius Severus, assim como ele e o pai. Esse é um nome respeitado entre os romanos. Tampouco jamais ouvi nada sobre seu avô além de que era um homem bom e honrado. Mas sua avó era uma princesa dos siluros, e Gawen foi o nome que ela deu ao filho, então não precisa sentir vergonha de carregá-lo!

Gawen a fitou.

— Muito bem. Mas não é o nome de meu pai que vão cochichar nessa ilha de druidas. É verdade... — Ele engoliu em seco e tentou novamente. — Antes de partir, as pessoas da Casa da Floresta diziam... É verdade que *ela*, a Senhora de Vernemeton, era minha mãe?

Caillean o olhou com firmeza, lembrando-se do sofrimento de Eilan para guardar aquele segredo.

— É verdade.

O menino assentiu, e um pouco da tensão saiu dele em um longo suspiro.

— Eu imaginava. Costumava sonhar acordado... Todas as crianças criadas em Vernemeton contavam vantagem dizendo que suas mães eram rainhas e seus pais eram príncipes que um dia viriam para levá-las embora. Eu também contei histórias, mas a Senhora sempre foi bondosa comigo, e, quando eu sonhava à noite, a mãe que vinha até mim era sempre *ela*...

— Ela o amava — disse Caillean ainda mais baixo.

— Então por que ela nunca me reconheceu? Se meu pai era um homem tão conhecido e honrado, por que não se casou com ela?

Caillean suspirou.

— Ele era romano, e as sacerdotisas da Casa da Floresta eram proibidas de se casar e ter filhos até mesmo com os homens das tribos. Talvez possamos mudar isso aqui, mas em Vernemeton... a revelação de sua existência seria a morte dela.

— E foi — sussurrou ele, de repente parecendo mais velho. — Eles descobriram e a mataram, não mataram? Ela morreu por minha causa!

— Ah, Gawen... — Contorcida pela dor, Caillean estendeu os braços para o menino, mas ele se virou. — Há muitas razões. Política, entre outras coisas, que você vai entender mais quando for adulto.

Ela mordeu o lábio por medo de dizer mais, pois a revelação da existência da criança de fato fora a centelha que acendera o fogo, e, naquele sentido, o que ele dissera era verdade.

— Eilan o amava, Gawen. Depois de seu nascimento, ela poderia ter enviado você para ser criado por outras pessoas, mas não conseguiu se

separar do filho. Ela desafiou o próprio avô, o arquidruída, para que você ficasse com ela, e ele concordou, com a condição de que a relação entre vocês se mantivesse em segredo.

— Isso não foi justo!

— Justo! — ela explodiu. — A vida raramente é justa! Você teve sorte, Gawen. Agradeça aos deuses e não reclame.

O rosto de Gawen ficou vermelho e depois pálido, mas ele não respondeu. Caillean sentiu sua raiva desaparecer tão rápido quanto surgira.

— Não importa agora, pois está feito, e você está aqui.

— Mas você não me quer — sussurrou ele. — Ninguém quer.

Por um momento, ela o analisou.

— Imagino que você deveria saber que Macellius, seu avô romano, desejava mantê-lo em Deva e criá-lo como se fosse seu pai.

— Por que, então, você não me deixou com ele?

Caillean o fitou sem sorrir.

— Quer ser um romano?

— Claro que não! Quem iria querer? — exclamou ele, enrubescendo furiosamente, e Caillean assentiu. Os druidas que tutelavam os meninos da Casa da Floresta lhe ensinaram que deveria odiar Roma. — Mas você deveria ter me contado! Deveria ter me deixado escolher!

— Eu contei! — Ela perdeu a paciência. — Você escolheu vir para cá! O menino pareceu deixar de lado a resistência enquanto virava o olhar para a água mais uma vez.

— Isso é verdade. O que não entendo é por que você me quis...

— Ah, Gawen — disse Caillean, sentindo a raiva subitamente sair de seu corpo. — Até uma sacerdotisa nem sempre entende as forças que a movem. Em parte, porque você é tudo o que me restou de Eilan, que eu amava como se fosse minha filha.

A garganta dela fechou com a dor daquelas palavras. Levou alguns momentos até que pudesse falar com calma de novo. Então ela continuou, em uma voz fria como pedra:

— E em parte porque me pareceu que seu destino está entre nós...

O olhar de Gawen ainda estava sobre as águas douradas. Por alguns momentos, a batida gentil das ondas contra os juncos foi o único som do ambiente. Então ele a olhou.

— Muito bem. — A voz dele falhava com o esforço para manter o controle. — Você será minha mãe, para que eu tenha alguma família?

Caillean olhou para ele, incapaz de falar por um momento. *Deveria dizer não ou um dia ele vai partir meu coração.*

— Sou uma sacerdotisa — disse, por fim. — Assim como sua mãe. Os votos que fiz aos deuses nos prendem e, às vezes, isso vai contra nossos

desejos... — ... *do contrário, eu teria ficado na Casa da Floresta e estaria lá para proteger Eilan*, continuou em pensamento. — Entende isso, Gawen? Entende que, embora eu o ame, às vezes tenho de fazer coisas que podem lhe causar dor?

Ele assentiu vigorosamente, e foi o coração dela que sentiu a pontada.

— Mãe de criação, o que vai me acontecer na Ilha de Avalon?

Caillean pensou por um momento.

— Você já é grande demais para ficar com as mulheres. Será acomodado entre os jovens aprendizes de sacerdote e bardo. Seu avô era um cantor notável, e pode ser que você tenha herdado alguns dos talentos dele. Gostaria de estudar as artes dos bardos?

Gawen piscou como se o pensamento o assustasse.

— Ainda não, por favor, não sei...

— Então deixe para lá. De qualquer modo, os sacerdotes precisam de algum tempo para conhecê-lo. Ainda é muito jovem, e não precisamos decidir todo o seu futuro neste instante. — *E, quando o tempo chegar, não serão Cunomaglos e seus druidas que decidirão o que ele deve ser*, pensou, soturnamente. *Não pude salvar Eilan, mas ao menos consigo proteger o filho dela até que ele possa escolher por si mesmo...*

— Então — disse ela bruscamente —, tenho muitas tarefas me aguardando. Deixe-me chamar a barca para levar você até a ilha. Por esta noite não haverá nada diante de você, prometo, além de jantar e cama. Isso o deixaria contente?

— Tem que deixar... — ele sussurrou, parecendo duvidar tanto dela como de si.

O sol havia se posto. No oeste, o céu se esmaecia em luminosos tons de rosa, mas as névoas que se prendiam à água haviam esfriado para prateado. O Tor estava quase invisível, como se, ela pensou de repente, alguma magia o separasse do mundo. Pensou em seu outro nome, Inis Witrin, a Ilha de Vidro. A fantasia tinha um estranho apelo. Ficaria feliz em deixar para trás um mundo em que Eilan queimara com seu amante romano na pira dos druidas. Chacoalhou-se um pouco e tirou um apito de osso da bolsa que pendia em seu flanco. O objeto produziu um som fino e agudo que, embora não parecesse alto, se propagou claramente sobre as águas.

Gawen se sobressaltou, olhando em torno, e Caillean apontou. A água era rodeada por touceiras de junco e brejos, cortados por uma centena de canais retorcidos. Uma embarcação baixa de proa quadrada emergia de um deles, empurrando os juncos para o lado. Gawen franziu o cenho, pois o homem que a impulsionava com o auxílio de uma vara não devia ser maior que ele. Só quando a barca se aproximou ele viu as rugas no rosto desgastado do barqueiro e os fios brancos que salpicavam em seu

cabelo escuro. Quando o barqueiro viu Caillean, fez uma saudação, levantando a vara para que a frente da barca seguisse até a margem.

— Esse é Andarilho da Água — disse Caillean em voz baixa. — O povo dele estava aqui antes dos romanos, antes mesmo que os britânicos chegassem a estas margens. Nenhum de nós esteve aqui o suficiente para ser capaz de pronunciar a língua deles, mas ele conhece a nossa e me disse que esse é o significado do nome dele. Levam uma vida muito pobre nos brejos e ficam felizes com a comida extra que podemos lhes dar e, quando estão doentes, com nossos remédios.

O menino continuou a franzir o cenho enquanto tomava seu lugar na popa do barco. Sentou-se, deslizando a mão pela água e observando as ondulações passando, enquanto o barqueiro partia novamente para levá-los em direção ao Tor. Caillean suspirou, mas não tentou falar com ele e fazer com que desemburasse. Ambos haviam passado pelo choque e pela perda na última lua, e, se Gawen tinha menos consciência do significado do que acontecera na Casa da Floresta, também seria menos capaz de lidar com isso.

Caillean puxou o manto em torno de si e voltou o rosto para o Tor. *Não posso ajudá-lo. Ele terá de aguentar sua tristeza e sua confusão... assim como eu terei*, pensou, soturnamente, *como eu terei...*

A névoa rodopiou em torno deles e então enfraqueceu enquanto o Tor se assomava à frente. O chamado oco de uma corneta ecoou de cima. O barqueiro ergueu a vara uma última vez e a quilha raspou na margem. Ele se levantou e empurrou a barca mais adiante, e, quando ela parou, Caillean saiu.

Meia dúzia de sacerdotisas desciam a trilha, seus cabelos trançados nas costas, vestidas de linho sem tingimento com cintos verdes. Fizeram uma linha diante de Caillean. Marged, a mais velha, se curvou de maneira reverente.

— Bem-vinda de volta a nós, Senhora de Avalon.

Ela parou, os olhos pousados na forma esbelta de Gawen. Por um momento, ficou sem palavras. Caillean quase podia ouvir a pergunta que se formava nos lábios da moça.

— Este é Gawen. Ele vai morar aqui. Poderia falar com os druidas e encontrar um lugar para ele esta noite?

— Com prazer, Senhora — ela disse em um sussurro, sem tirar os olhos de Gawen, que corava furiosamente.

Caillean suspirou. Se a mera visão de uma criança do sexo masculino — pois, mesmo agora, simplesmente não conseguia pensar em Gawen como um jovem homem — teve aquele efeito sobre as tuteladas mais jovens, suas tentativas de neutralizar os preconceitos que trouxeram com elas da Casa da Floresta ainda tinham muito caminho a percorrer. A presença dele entre as moças poderia ser boa para elas.

Alguém mais estava de pé atrás das moças. Por um momento, ela pensou que uma das sacerdotisas mais velhas, talvez Eiluned ou Riannon, tivesse vindo dar-lhe as boas-vindas. Mas a recém-chegada era muito pequena. Caillean vislumbrou mechas de cabelos escuros; então a figura se moveu adiante até ficar em plena vista.

Caillean piscou. *Uma estranha*, pensou, e então piscou mais uma vez, pois a mulher de repente parecia totalmente à vontade e extremamente familiar, como se Caillean a conhecesse desde o começo do mundo. No entanto, ela não conseguia se lembrar da ocasião exata em que a vira antes, se é que a tinha visto, ou quem ela deveria ser.

A novata não olhava para Caillean. Seus olhos, escuros e limpos, estavam presos a Gawen. Caillean se perguntou subitamente por que havia pensado que a mulher estranha era pequena, pois ela mesma era uma mulher alta, e agora a outra parecia ainda mais alta. Seu cabelo, longo e escuro, estava preso do mesmo modo que o das sacerdotisas, em uma única trança nas costas, mas ela vestia uma roupa de pele de cervo, e uma guirlanda fina de bagos vermelhos estava presa na altura de suas têmporas.

Ela olhou para Gawen e se curvou em direção ao chão.

— Filho de Mil Reis — disse ela —, seja bem-vindo a Avalon...

Gawen a olhou estupefato.

Caillean limpou a garganta, lutando para encontrar palavras.

— Quem é você e o que quer de mim? — perguntou, de forma brusca.

— De você, nada agora — disse a mulher, também sucintamente —, e não precisa saber meu nome. Meu negócio é com Gawen. Mas você me conhece há muito tempo, Melro, embora não se lembre.

Melro... “Lon-dubh” na língua hibernica. Ao som do nome que fora dela quando criança, no qual não havia nem ao menos pensado por quase quarenta anos, Caillean ficou abruptamente em silêncio.

Uma vez mais podia sentir a aflição causada pelos hematomas e a dor entre as coxas e, ainda pior, a sensação de sujeira e de vergonha. O homem que a estuprara havia ameaçado matá-la se contasse o que ele fizera. Na época, ela tivera a sensação de que apenas o mar poderia deixá-la limpa novamente. Passara pelos espinheiros na beira do penhasco, sem prestar atenção aos espinhos que rasgavam sua pele, com a intenção de se jogar nas ondas que espumavam em torno das rochas dentadas abaixo.

E, de repente, a sombra entre as urzes havia se transformado em uma mulher, não mais alta que ela, mas incomparavelmente mais forte, que a abraçou, murmurando com uma ternura que sua própria mãe jamais tivera a energia de demonstrar, chamando-a por seu nome de infância. Deve ter adormecido por fim, ainda aninhada nos braços da Senhora. Quando

acordou, seu corpo fora limpo, o pior dos ferimentos se tornara uma dor distante, e a memória do terror, um sonho ruim.

— Senhora — ela sussurrou.

Anos depois, seus estudos com os druidas permitiram que desse um nome ao ser que a salvara. Mas a atenção da mulher das fadas estava fixa em Gawen.

— Meu senhor, vou guiá-lo a seu destino. Espere por mim na beira da água e um dia, em breve, virei buscá-lo.

Ela se curvou de novo, desta vez não tão profundamente e, de repente, como se jamais tivesse estado ali, desapareceu.

Caillean fechou os olhos. O instinto que a levava a trazer Gawen a Avalon fora bom. Se a Senhora do povo das fadas o honrava, ele deveria de fato ter um propósito ali. Eilan encontrara o Merlim uma vez em visão. O que ele havia prometido a ela? Mesmo que fosse romano, o pai daquele garoto morrera como o rei do ano, para salvar o povo. O que aquilo significava? Por um momento, ela quase chegou a compreender o sacrifício de Eilan.

Um som engasgado de Gawen a trouxe de volta ao presente. Ele estava branco como giz.

— Quem era ela? Por que ela falou comigo?

Marged olhou de Caillean para o rapaz, levantando as sobrancelhas, e a sacerdotisa de repente se perguntou se as outras haviam visto algo.

Caillean disse:

— Ela é a Senhora do Povo Antigo, chamado de povo das fadas. Salvou minha vida, há muito tempo. O Povo Antigo não se mistura muitas vezes com a humanidade nos dias de hoje, e ela não teria aparecido aqui sem razão. Mas, quanto ao motivo, não sei.

— Ela se curvou para mim. — Ele engoliu em seco e então perguntou em um sussurro baixo: — Vai permitir que eu vá, mãe de criação?

— Permitir? Não ousaria impedir. Precisa estar pronto quando ela vier buscá-lo.

Ele a olhou, e o brilho em seus limpos olhos acinzentados a fez lembrar subitamente de Eilan.

— Então não tenho escolha. Mas não vou com ela a não ser que ela me responda!

— Senhora, jamais questionaria sua decisão — disse Eiluned —, mas o que estava pensando ao trazer um menino daquela idade para cá?

Caillean deu um gole na água de sua caneca de madeira e a pôs na mesa de jantar com um suspiro. Nas seis luas desde que as sacerdotisas

havam chegado a Avalon, às vezes ela tinha a impressão de que a jovem não fizera nada além de questionar suas decisões. Ela se perguntava se Eiluned enganava até a si mesma com sua demonstração de humildade. Tinha apenas trinta anos, mas parecia mais velha, magra, de cenho fechado e sempre ocupada com os assuntos das outras pessoas. Ainda assim, era meticulosa e se tornara uma substituta útil.

Ao reconhecer seu tom de voz, as outras mulheres desviaram o olhar e voltaram a suas refeições. O longo salão ao pé do Tor parecera amplo quando os druidas o construíram para elas no começo do verão. Mas, assim que a notícia sobre a nova Casa das Donzelas se espalhara, mais garotas vieram, e Caillean achava que poderiam precisar ampliar o salão antes que outro verão passasse.

— Os druidas recebem garotos até mais jovens do que ele para serem treinados — ela disse, de modo uniforme.

A luz do fogo bruxuleava nos planos macios do rosto de Gawen, fazendo-o parecer momentaneamente mais velho.

— Que eles o acolham então! Aqui não é o lugar certo para ele...

Ela fitou o menino, que olhou para Caillean à procura de conforto antes de comer outra colherada de milho e feijões. Dica e Lysanda, as mais jovens das moças, riram até que Gawen ficasse vermelho e desviasse os olhos.

— No momento combinei com Cunomaglos para que ele seja alojado com o velho Brannos, o bardo. Isso a deixará contente? — perguntou, acidamente.

— Uma ideia ótima! — assentiu Eiluned. — O velho está ficando debilitado. Vivo com medo de que uma noite ele caia no fogo da lareira ou vá parar dentro do lago...

O que a moça disse era verdade, embora fosse a bondade do velho, não sua fraqueza, que tivesse levado Marged a escolhê-lo.

— *Quem* é o menino? — perguntou Riannon, sentada do outro lado dela, os cachos ruivos balançando. — Não era uma das crianças criadas em Vernemeton? E o que aconteceu quando voltou para a visita? Os rumores mais espantosos voam pelo interior...

Ela olhou sua grã-sacerdotisa na expectativa.

— Ele é um órfão — suspirou Caillean. — Não sei o que podem ter escutado, mas é verdade que a Senhora de Vernemeton está morta. Houve uma rebelião. Os sacerdotes druidas do norte se espalharam e várias das sacerdotisas mais antigas morreram. Dieda foi uma delas. Na verdade, não sei se a Casa da Floresta vai sobreviver, e, se isso não acontecer, seremos as únicas que restaram para guardar a velha sabedoria e passá-la adiante.

Será que Eilan tivera uma premonição de seu destino e soubera que apenas a nova comunidade em Avalon sobreviveria?

As outras sacerdotisas se recostaram, arregalando os olhos. Se pensassem que quem matou Eilan e os outros foram os romanos, melhor assim. Caillean não tinha afeto por Bendeigid, que agora era arquidruída, mas, embora ele pudesse estar louco, ainda era um dos deles.

— Dieda está morta? — A voz doce de Kea enfraqueceu, e ela apertou o braço de Riannon. — Mas eu deveria visitá-la neste inverno para mais aulas. Como vou ensinar as canções sagradas às mais novas? É uma grande perda! — Ela se recostou, lágrimas brotando em seus sérios olhos cinzentos.

Uma grande perda de fato, pensou Caillean, com tristeza, não só por conta da sabedoria e das habilidades de Dieda, mas da sacerdotisa que ela poderia ter sido se não tivesse escolhido o ódio em vez do amor. Aquilo também era uma lição para ela, e uma da qual deveria se lembrar quando a amargura ameaçasse subjugar-lá.

— Eu a treinarei... — ela disse baixo. — Nunca estudei os segredos dos bardos de Eriu, mas as canções e os ofícios sagrados das sacerdotisas druidas vêm de Vernemeton, e conheço bem todos.

— Oh! Não quis dizer... — Kea parou de falar, corando bruscamente. — Sei que canta, e que também toca harpa. Toque para nós agora, Caillean. Parece que faz tanto tempo desde que fez música para nós em torno do fogo!

— É uma *creuth*, não uma harpa — começou Caillean, de forma automática. Então suspirou. — Não na noite de hoje, criança. Estou muito cansada. É você quem deveria cantar para nós e aliviar nossa tristeza.

Ela forçou um sorriso e viu Kea se animar. A jovem sacerdotisa não tinha a habilidade inspirada de Dieda, mas sua voz, embora leve, era doce e legítima, e ela amava as velhas canções.

Riannon deu um tapinha no ombro da amiga.

— Esta noite vamos todas cantar para a Deusa, e Ela nos confortará. Ao menos você voltou para nós.

Ela se voltou para Caillean.

— Tivemos medo de que não voltasse a tempo para a lua cheia.

— Com certeza treinei vocês melhor do que isso! — exclamou Caillean. — Não precisam de mim para o ritual.

— Talvez não. — Riannon sorriu. — Mas não seria a mesma coisa sem a senhora.

Estava totalmente escuro e frio quando deixaram o salão, mas o vento que chegara com o cair da noite levava a névoa embora. Atrás da massa negra do Tor, o céu da noite brilhava estrelado. Caillean olhou para o oeste e

notou os céus ficando luminosos com o nascer da lua, embora ela ainda estivesse invisível atrás da colina.

— Vamos nos apressar — disse às outras, fechando com firmeza o manto quente. — Nossa Senhora já busca os céus.

Começou a subir o caminho, e as outras se colocaram atrás, suas respirações formando pequenas baforadas brancas no ar frio.

Somente quando chegaram à primeira volta ela olhou para trás. A porta do salão continuava aberta, e ela podia distinguir a forma escura de Gawen contra a luz da lamparina. Até em sua silhueta era possível perceber uma solidão avassaladora na maneira como ele ficava ali, observando as mulheres que o deixavam. Por um momento, Caillean quis chamá-lo para se juntar a elas, mas aquilo teria realmente escandalizado Eiluned. Ao menos ele estava ali, na Ilha Sagrada. Então, a porta se fechou e o menino desapareceu. Caillean respirou fundo e se preparou para subir o resto do caminho até o topo da colina.

Passara uma lua fora, e estava sem condições para esforços como aquele. Quando chegou ao topo, aguardou ofegante enquanto as outras se juntavam a ela, resistindo ao impulso de se apoiar em uma das pedras eretas. Aos poucos, sua cabeça foi parando de girar e ela tomou seu lugar ao lado da pedra do altar. Uma por uma, as sacerdotisas entraram no círculo, movendo-se da esquerda para a direita até o altar. Os pequenos espelhos de prata polida que pendiam em seus cintos brilhavam enquanto elas se dirigiam para seus lugares. Kea colocou a vasilha de prata sobre a pedra, e Beryan, que tinha acabado de fazer seus votos no solstício de verão, a encheu de água do poço sagrado.

Não havia necessidade de formar um círculo ali. O lugar já era sagrado e não deveria ser visto por olhos não iniciados. Mas, quando o círculo de mulheres se completou, o ar dentro dele pareceu se tornar mais pesado, e totalmente imóvel. Até mesmo o vento que a fizera tremer havia desaparecido.

— Saudamos os céus gloriosos, cintilantes de luz. — Caillean levantou as mãos e as outras a imitaram. — Saudamos a terra sagrada da qual brotamos. — Ela se curvou e tocou a grama congelada. — Guardiões dos Quatro Quadrantes, nós os saudamos.

Juntas, elas se viraram para cada uma das direções, olhando até terem a impressão de ver os Poderes cujos nomes e formas estavam ocultos nos corações dos sábios que brilhavam diante delas.

Caillean se virou mais uma vez para o oeste.

— Honramos nossos ancestrais que se foram antes. Zelem por nossas crianças, sagrados.

Eilan, minha amada, zele por mim... Zele por seu filho. Fechou os olhos e, por um minuto, teve a impressão de ter sentido algo, como um toque gentil em seu cabelo.

Caillean se voltou para o leste, onde as estrelas esmaeciam no brilho da lua. O ar em torno dela ficava cada vez mais tenso com a antecipação enquanto as outras faziam o mesmo, esperando que a primeira borda brilhante se erguesse sobre as colinas. Houve uma centelha; Caillean perdeu o fôlego em um longo suspiro quando a silhueta do pinheiro alto no cume distante subitamente surgiu por completo. E de pronto a lua estava ali, imensa e tingida de dourado. A cada momento, ela subia mais alto e, enquanto deixava a terra para trás, ficava ainda mais pálida e brilhante, até flutuar livre em pureza imaculada. Como uma só, as sacerdotisas levantaram os braços em adoração.

Com um esforço, Caillean firmou a voz, desejando se afundar no ritmo familiar do ritual.

— No leste, nossa Senhora Lua se levanta — cantou.

— Joia da orientação, joia da noite — responderam as outras em coro.

— Sagrada seja cada coisa em que brilha Tua luz...

Conforme a voz de Caillean ficava mais forte, o mesmo acontecia com o coro que a apoiava, sua energia amplificada pela das outras sacerdotisas, as delas se levantando enquanto a sua inspiração aumentava.

— Joia da orientação, joia da noite...

— Justo seja cada ato que Tua luz revela... — Cada verso vinha com mais facilidade, o poder refletindo de volta da reação das outras mulheres ao seu. Enquanto a energia subia, percebeu que também ficava mais quente.

— Clara seja Tua luz sobre o cume das colinas... — Agora, conforme Caillean terminava um verso, achava a força para manter a nota durante a resposta, e as outras, segurando suas últimas notas, apoiavam as dela em doce harmonia.

— Clara seja Tua luz sobre campo e floresta...

A lua já se encontrava bem acima do topo das árvores. Ela via o Vale de Avalon estendido diante dela com suas sete ilhas sagradas e, enquanto olhava, a visão parecia se expandir até que ela vislumbrasse toda a Britânia.

— Clara seja Tua luz sobre todas as estradas e todos os andarilhos...

— Caillean abriu os braços em bênção e ouviu a voz clara de soprano de Kea subir de repente, destacando-se sobre o coro.

— Clara seja Tua luz sobre as ondas do mar... — A visão dela disparou através das águas. Agora perdia a consciência de seu corpo.

— Clara seja Tua luz entre as estrelas do céu... — O brilho da lua a tomava, a música a levantava. Flutuava entre a terra e o céu, vendo tudo, a alma derramada em um êxtase de bênção.

— Mãe da Luz, lua clara das estações... — Caillean sentiu a percepção se estreitar até que a lua era tudo o que podia ver.

— Vem a nós, Senhora! Deixa que sejamos Teu espelho!

— Joia da orientação, joia da noite...

Caillean manteve a nota final durante o coro e depois, e as outras, sentindo a energia crescer, a sustentaram com suas próprias harmonias. O grande acorde pulsava quando as cantoras tomavam fôlego, mas foi sustentado.

As sacerdotisas montavam o poder. Percebiam, sem a necessidade de um sinal, que era chegado o momento de trazer à luz seus espelhos. Agora, ainda cantando, as mulheres se juntavam até formar um semicírculo de frente para a lua. Caillean, ainda ao lado leste do altar, se virou para elas. A música se tornara um murmúrio baixo.

— Senhora, desce até nós! Senhora, está conosco! Senhora, vem a nós agora!

Ela baixou as mãos.

Treze espelhos de prata faiscaram fogo branco enquanto as sacerdotisas os colocavam no ângulo para refletir o luar. Círculos de lua pálidos dançavam na grama enquanto eles eram virados para o altar. Uma luz brilhava da superfície prateada da vasilha, enviando centelhas brilhantes através das formas imóveis das sacerdotisas e das pedras eretas. Então, quando os espelhos estavam focados, os raios de luar refletidos se encontraram subitamente na superfície da água dentro da vasilha. Treze luzinhas trêmulas se juntaram como mercúrio e se tornaram uma só.

— Senhora, Tu que não tens nome e ainda assim és chamada por muitos nomes — murmurou Caillean —, Tu que não tens forma e ainda assim tens muitas faces, como as luas refletidas em nossos espelhos se tornam uma única imagem, assim seja com Teu reflexo em nossos corações. Senhora, nós Te invocamos! Desce até nós, está conosco aqui!

Ela soltou o fôlego em um longo suspiro. O murmúrio se transformou em silêncio que pulsava com a expectativa. Visão, atenção, toda a existência estava focada no brilho de luz dentro da vasilha. Sentiu a familiar mudança de consciência enquanto o transe se aprofundava, como se sua carne estivesse se dissolvendo, e nenhum sentido além da visão permanecesse.

Até mesmo sua visão se embotava nesse instante, obscurecendo o reflexo da lua na água da vasilha de prata. Ou talvez não fosse a imagem, mas o brilho refletido que mudava, ficando mais forte até que a lua e sua imagem fossem unidas por um fecho de luz. Partículas de brilho se moveram no raio de luar, formaram uma figura, suavemente luminosa, que olhava de volta para ela com olhos brilhantes.

— Senhora — chamou seu coração —, perdi minha amada. Como vou sobreviver sozinha?

— Não estará sozinha. Tem irmãs e filhas — veio a resposta, mordaz e, talvez, um pouco divertida. — E você também tem um filho... e tem a Mim.

Caillean tinha uma leve consciência de que suas pernas haviam arriado e que agora estava de joelhos. Não importava. Sua alma foi para a Deusa, que sorria de volta para ela, e no momento seguinte o amor que ela oferecera voltou para Caillean em tal medida que, por um instante, não sabia de mais nada.

A lua estava além do ponto central do céu na hora em que Caillean voltou a si. A Presença que as abençoara tinha ido embora, e o ar estava frio. Em volta dela, as outras mulheres começavam a se mexer. Forçou os músculos endurecidos ao trabalho e ficou de pé, tremendo. Fragmentos da visão ainda cintilavam em sua memória. A Senhora falara através dela e dissera as coisas que ela precisava saber, mas elas esmaeciam a cada instante.

— Senhora, assim como Tu nos abençoastes, nós Te agradecemos... — murmurou. — Que possamos levar aquela bênção para o mundo.

Juntas, murmuraram seus agradecimentos aos Guardiões. Kea foi para a frente para pegar a vasilha de prata e derramou a água em um fluxo brilhante sobre a pedra. Então, em sentido anti-horário, elas circularam o altar e foram para a trilha. Apenas Caillean ficou parada ao lado do altar de pedra.

— Caillean, está vindo? Ficou frio aqui! — Eiluned, no fim da fila, esperava.

— Ainda não. Há coisas em que preciso pensar. Ficarei aqui mais um pouco. Não se preocupe, meu manto vai me manter aquecida — acrescentou, embora, na verdade, estivesse tremendo. — Sigam vocês.

— Muito bem.

A outra mulher parecia em dúvida, mas havia comando no tom de voz de Caillean. Depois de um momento, ela também se virou e desapareceu na borda do morro.

Quando todas haviam ido embora, Caillean se ajoelhou ao lado do altar, abraçando-o como se assim pudesse tocar a Deusa que estivera ali.

— Senhora, fala! Diz claramente o que queres que eu faça!

Mas não houve resposta. Havia poder na pedra, uma comichão sutil que Caillean sentiu nos ossos, mas a Senhora já se retirara e a rocha estava fria. Depois de um tempo, sentou-se novamente, com um suspiro.

Enquanto a lua se movia, o círculo ganhava uma barra de sombras das pedras eretas. Caillean, com a atenção ainda voltada para dentro, notava as rochas sem, no entanto, vê-las de verdade. Apenas ao se levantar percebeu que seu olhar havia se fixado em uma das pedras maiores.

O círculo no cume do Tor era de tamanho moderado, a maioria das pedras chegando a uma altura entre a cintura e os ombros de Caillean. Mas aquela rocha em específico aparentava ser uma cabeça mais alta do

que as outras. Quando notou aquilo, ela se moveu, e uma figura escura pareceu emergir da pedra.

— Quem... — começou a sacerdotisa, mas ao falar já sabia, com a mesma certeza que tivera naquela tarde, quem deveria ser. Ouviu uma onda de riso baixo e a mulher das fadas saiu totalmente à luz da lua, usando, como antes, seu manto de pele de cervo e sua coroa de bagos, parecendo não sentir o frio.

— Senhora das fadas, eu a saúdo — disse Caillean, em voz baixa.

— Saudações, Melro — respondeu a mulher das fadas, rindo mais uma vez. — Mas não, é um cisne o que você se tornou, flutuando no lago com seus filhotes em volta.

— O que faz aqui?

— Onde mais eu deveria estar, criança? O Além-Mundo toca o seu em muitos lugares, embora agora não existam tantos quanto antes. Os círculos de pedra são portais, em certas horas, assim como todas as bordas da terra: cumes de montanhas, cavernas, a praia onde a água encontra a terra... Mas há alguns lugares que sempre existem em ambos os mundos e, entre eles, este Tor é um dos mais poderosos.

— Senti isso — disse Caillean em voz baixa. — Era assim às vezes na Colina das Donzelas também, perto da Casa da Floresta.

A mulher das fadas suspirou.

— Aquela colina é um lugar sagrado, e agora ainda mais, mas o sangue que foi derramado lá fechou o portal.

Caillean mordeu o lábio, vendo mais uma vez as cinzas mortas sob um céu choroso. Será que seu luto por Eilan jamais terminaria?

— Fez bem em deixá-lo — continuou a mulher das fadas. — E fez bem em trazer o menino.

— O que quer com ele?

O temor por Gawen aguçou seu tom.

— Prepará-lo para seu destino... O que *você* quer para ele, sacerdotisa, pode dizer?

Caillean piscou, tentando recuperar o controle da conversa.

— Qual é o destino dele? Ele vai nos liderar contra os romanos e trazer de volta os velhos costumes?

— Esse não é o único tipo de vitória possível — respondeu a Senhora. — Por que acha que Eilan arriscou-se tanto para dar à luz o menino e mantê-lo em segurança?

— Ela era mãe dele — começou Caillean, mas suas palavras se perderam na resposta da mulher das fadas.

— Ela era grá-sacerdotisa e grandiosa. Era filha do sangue que trouxe o conhecimento humano mais alto para esta costa. Aos olhos

humanos, ela falhou, e seu amante romano morreu em vergonha. Mas você sabe que não é assim.

Caillean a mirou, cicatrizes de zombarias que pensara ter esquecido despertando com renovada dor em sua memória.

— Não nasci nesta terra, nem venho de linhagem nobre — disse, nervosamente. — Está me dizendo que não tenho o direito de estar aqui ou de criar o menino?

— Melro — a mulher balançou a cabeça —, escute com atenção o que lhe digo. O que era de Eilan por herança é seu por treinamento, trabalho e o dom da Senhora da Vida. A própria Eilan lhe confiou essa tarefa. No entanto, Gawen é o último da linhagem dos Sábios, e o pai dele era filho do Dragão por parte de mãe, ligado à terra pelo sangue.

— Foi isso o que quis dizer quando o chamou de Filho de Mil Reis... — sussurrou Caillean. — Mas qual é a utilidade disso para nós agora? Os romanos governam.

— Não sei dizer. Foi-me permitido saber apenas que ele deve ser preparado. Você e os sacerdotes druidas mostrarão a ele o mais alto conhecimento da humanidade. E eu, se você pagar meu preço, mostrarei a ele os mistérios desta terra que chamam de Britânia.

— Seu preço — repetiu Caillean, engolindo em seco.

— É tempo para construir pontes — disse a rainha. — Tenho uma filha, Sianna, gerada por um homem da sua espécie. Ela tem a mesma idade do garoto. Quero que a receba em sua Casa das Donzelas para ser criada. Ensine a ela seus costumes e sua sabedoria, Senhora de Avalon, e ensinarei os meus a Gawen...

2

— **V**ei, então, entrar para nossa ordem? — perguntou o velho.

Gawen olhou para ele surpreso. Quando a sacerdotisa Kea o trouxera a Brannos na noite anterior, o rapaz tivera a impressão de que o velho bardo havia ultrapassado seu juízo, assim como sua música. Seu cabelo era branco, as mãos, tão paralisadas com a idade que não conseguiam mais puxar as cordas da harpa, e, quando Gawen fora apresentado, ele se agitara em sua cama apenas o suficiente para apontar uma pilha de peles de ovelha onde o menino poderia deitar e, então, voltara a dormir.